

POBREZA E FÉ NO BREJO PARAIBANO:

O trabalho missionário do Padre Ibiapina

Danielle Ventura Bandeira de Lima

danihistoriadora@yahoo.com.br

Mestranda em Ciências das Religiões- UFPB

Palavras Chaves: Religião, Cultura e Sociedade

Introdução

Ao estudarmos a vida do Padre Ibiapina podemos constatar, logo de início, que suas obras foram realizadas nas províncias da Paraíba, Ceará, Alagoas, Pernambuco e Rio Grande do Norte entre os anos de 1856 a 1876, tendo como principal objetivo ajudar aqueles que estavam sujeitos a condições precárias de vida, devido à pobreza extrema e ao número restrito de hospitais, orfanatos, açudes e cemitérios, ou seja, a ausência, quase absoluta do apoio do Estado, nas áreas por onde peregrinou o Padre Ibiapina.

A sua preocupação em investir na salubridade por onde ele passava através da construção de cemitérios, quase sempre localizado nas imediações das capelas como em Soledade – PB (1856), Alagoa Grande PB (1863) e Caldas-CE (1870), hospitais, cujo funcionamento geralmente se dava nas Casas de Caridade como os de Açú e Areia e de açudes como em Angicos - RN (1863), Santa Fé- PB (1864) e Santa Luzia-PB (1875), é justificável perante a dura realidade encontrada no norte do país nesse período, já que há surtos de doenças epidêmicas como a febre amarela, o cólera e a varíola que se proliferavam pelo país e cujo orçamento a ela destinado era minúsculo.

No Brejo paraibano as obras sociais de Ibiapina que merecem destaque são: a Casa de Caridade Santa Fé e o Hospital de Areia, por serem locais em que, reconhecidamente, Ibiapina conseguiu contribuir contra as epidemias vigentes contando inicialmente com o apoio financeiro de pessoas abastadas e, acima de tudo, com o ânimo da população mais pobre que com elas colaboravam devido ao estímulo adquirido pelas suas pregações.

As casas de caridade, e principalmente Santa Fé, local escolhido pelo sacerdote para passar seus últimos dias, eram destinadas à educação moral das órfãs, que aprendiam a bordar, tecer, cozinhar, as primeiras letras e tudo o mais que era necessário para tornar-se, segundo os padrões da época, uma boa cristã, esposa e mãe e tendo o missionário criado o Estatuto e Máximas Morais a fim de padronizá-las de acordo com o seu ideal.

Na sua administração foi fundamental o apoio de mulheres que se dispuseram a educar as órfãs e a exercerem diversas funções como porteiras, cozinheiras, zeladoras etc. Sobre essas mulheres é importante destacar que elas podem ser divididas em dois grupos: aquelas que se

dedicavam em tempo integral (Irmãs de Caridade), e aquelas que passavam apenas parte do seu tempo nas Casas.

Personagem muitas vezes excluído das sociedades, as mulheres e os pobres de maneira geral, não foram alvos de análise nas diversas áreas de conhecimento por muito tempo. Contudo, eles adquirem um papel fundamental na História Vista de Baixo: *“Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas (da história social) que os “temas malditos”, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulher, índios, etc. encontraram guarida na historiografia”*.

É, portanto, em um contexto social em que a população vive marginalizada e sem perspectivas de vida que a personalidade do Padre Ibiapina, suas propostas e vontade de modificar tal situação que a população constrói o seu imaginário. Dessa forma para melhor entendermos o apoio de diversos seguimentos da sociedade a tais instituições é necessário compreendermos quais as principais dificuldades enfrentadas pela população nesse período.

As dificuldades enfrentadas na Província da Paraíba durante a atuação de Ibiapina

Ao nos voltarmos para as principais dificuldades enfrentadas na Província da Paraíba e nas demais localidades do país, percebemos que todas as obras construídas pelo missionário condizem com a realidade de seu tempo, pois a calamidade vivenciada por tais localidades e os poucos recursos fornecidos pelo estado para amenizá-la, eram insuficientes para atender a demanda da população.

Essas dificuldades ficam explícitas mediante a pouca quantidade de instituições que colaboravam com a situação da população, dentre elas podemos destacar a Santa Casa de Misericórdia constituída por hospital, Igreja, cemitérios públicos e edifícios subjacentes que acolhiam alguns órfãos que, após um tempo, eram abandonados a própria sorte, que recebiam poucos recursos financeiros do Estado enviados através da *Comissão de Socorros Públicos* e que não conseguiam suprir a grande demanda que essa possuía, Tal ausência de salubridade pública foi um mal pouco combatido pelo Estado tanto que, os escombros ficavam expostos fazendo com que um maior número de doenças se proliferasse e que acarretasse ainda mais prejuízos para a população mais pobre.

No que diz respeito à educação das mulheres percebemos que havia uma discriminação reinante, sendo quase inexistente no país. O curso feminino nas escolas normais brasileiras, apesar de ser mencionado como criados na Bahia em 1836 e em São Paulo em 1846, não foram implantados. No Rio de Janeiro, por sua vez, teve-se uma tentativa frustrada de colocar o estudo masculino e feminino em dias alternados. Portanto, por um longo período o ensino dirigido ao público feminino ficou a cargo de instituições religiosas ou escolas particulares leigas.

A diferenciação entre homens e mulheres, nesse período, era evidente e a busca por casar as filhas logo na adolescência consistia numa preocupação geral, independente de serem ricas ou pobres. As moças ricas deveriam casar logo na adolescência e só corriam o risco de não se casarem caso não encontrassem alguém com o mesmo nível social:

Raramente aprenderam a ler e quando o fizeram foi com professores particulares, contratados pelos pais para ministrar aulas em casa. Muitas apenas conheceram as primeiras letras e aprenderam a assinar o nome. Enquanto seus irmãos e primos do sexo masculino liam Cícero ou Virgílio, recebiam noções de grego e do pensamento de Platão e Aristóteles, aprendiam ciências naturais, filosofia, geografia, enquanto, elas aprendiam, a arte de bordar em branco, o crochê, o matiz, a costura e a música.

A situação das pobres, no que diz respeito à exclusão social, não era diferente, contudo, quando estas se casavam precisavam ajudar seus maridos no sustento de suas casas, pensando nisto, havia nas Casas de Caridade o ensino de atividades manuais. Assim, muitas das mulheres pobres tornavam-se cozinheiras, fiandeiras ou roceiras e trabalhavam junto a seus irmãos, pais ou maridos, realizando algumas vezes serviços pesados.

Nesse período há uma constante busca por incentivar atividades industriais para o público masculino no ensino laico e essas foram englobadas nas casas de caridade. O Colégio dos Educandos Artífices criado na Paraíba em 1865, contando, diferentemente das Instituições do Missionário, com o apoio do Estado, padecia com a falta de estrutura e demonstrava forte discriminação para com o filho de ex-escravos.

A busca por formar mão de obra barata e a discriminação para com os filhos de ex-escravos nesse ambiente podem ser constatadas através do Relatório de Província em 1872, quando esses, expulsos sob a alegação de “mau comportamento”, são readmitidos em seguida sendo incorporados no quadro de funcionários impedindo que esses jovens fossem além do que era necessário para pessoas pobres, cujo destino nessa mentalidade escravocrata era trabalhar e ganhar pouco ou nada..

Contudo entre todas as preocupações do Brasil a mais difícil de todas certamente foi a Seca, esta é mencionada até mesmo no discurso do Imperador em 1 de julho de 1877 onde ele apesar de afirmar que as epidemias tiveram uma considerável queda reconhece que o pior dos problemas do país era a seca que, segundo ele, vinha sendo combatida mediante o auxílio da Comissão de Socorros Públicos e de iniciativas particulares. Esse auxílio por parte do Estado realmente existiu, mas foi ínfimo, uma vez que a Irmã de Caridade de Cabaçeiros ao reclamar da situação que essas se encontravam sem condições de se manter recebem subsídios para se manterem, mas que eram insuficientes para contornar a dura realidade vivenciada por elas.

Vale destacar que nesse ano (1877) Ibiapina estava impossibilitado de peregrinar pelas suas instituições e enfrentando dura realidade em Santa Fé contando apenas com o auxílio de

seus beatos e enviando uma carta através deles, mostrava sua indignação perante a situação de pobreza e calamidade que estas se encontravam. Tal carta contém um trecho muito comovente em que ele expressa sua tristeza perante a situação vigente:

(...)É o padre Ibiapina que vos pede uma esmola pelo amor de Deus. Lembrai-vos cristãos: a esmola apaga o pecado e faz achar misericórdia na presença de Deus no dia do juízo. Quando Deus julgar o mundo, dirá para os da direita: vinde, bendito de meu eterno Pai! Vinde receber o prêmio da glória que vos está preparada pois estive com fome e me deste de comer, estive com sede e me deste de beber (...)

Padre Ibiapina nesta carta se utiliza de Mateus 25,31-37 para persuadir aqueles que lessem a carta que estava com o beato Antonio Modesto, responsável por conseguir recursos para as instituições. Lembrando que tal passagem faz uma alusão à escatologia, já que revela o que aconteceria com as pessoas durante o juízo final em que, segundo o evangelho de Mateus, aqueles que praticarem o bem receberiam a recompensa, e tem continuidade nos próximos versículos que afirma que quem não tiver “boa conduta”(Mateus 25,41-46) terão o castigo merecido e não desfrutarão da vida eterna.

O papel dos leigos na obra missionária do Padre Ibiapina

A contribuição dos leigos na obra missionária do Padre Ibiapina foi essencial para que ele conseguisse realizá-la, pois era necessária a presença de construtores de hospitais, açudes, igrejas e casas de caridade, bem como de mulheres que liderassem estas casas e que se responsabilizassem pela educação das órfãs.

O zelo da população pelo seu projeto missionário é perceptível no momento em que o missionário é acusado de mentor do Movimento Quebra quilos por ser uma figura que conhecida por todo o Norte, já que ao ser enviado o mandato de prisão grande número de camponeses foi até a Casa de Caridade Santa Fé, para impedir que prendessem o Padre Ibiapina:

O povo cercou o apóstolo que debalde pedia que voltassem todos a seus lares e roçados. Muita gente ficou dia e noite aos pés dos muros da Caridade, sob o abrigo de pequenas casas e de árvores. De armas nas habitações e no colégio, somente as cruzes. Camponeses, fora, quando muito empunhavam foices, que o Padre só aconselham foi o trabalho e a virtude, batia a arrogância e o cangaço.

Este prestígio é compreensível, pois ele era a pessoa que estava trazendo uma mensagem de esperança para a população mais pobre e isso fazia com que muito deles enxergassem Padre Ibiapina como uma espécie de santo, digno de devoção.

A expectativa da população por dias melhores que Ibiapina conseguiu proporcionar a população por onde passava ele era bem recebido e as pessoas tinham até sinais de sincero arrependimento diante de suas respectivas condutas como podemos constatar no Jornal “O cearense”, contemporâneo de Padre Ibiapina:

No dia 21 do passado entrou nesta cidade (Sobral) o Revdo. Padre-mestre missionário apostólico José Antonio Maria Ibiapina para pregar missão nesta cidade Foi bem recebido pelos patricios sobralenses e no dia seguinte começou a pregar com muito bom resultado porque os ouvintes prestaram-lhe muita atenção e respeito e mostraram muita contrição (...) Quando eu ouvia pregar parecia-me que estava ouvindo o Padre Antonio Vieira, por que ele tinha belos rasgos de eloquência e tinha o dom de saber ornar bem os seus sermões. E na pratica parecia que estava vendo outro São Francisco de Paula. Enfim meu amigo esse missionário tem colhido bons frutos de suas missões por que prega não só com a palavra, mas com bons exemplos.

Unindo o carisma de Antonio Vieira e o ideal de acolhimento aos mais pobres, Ibiapina adapta o catolicismo tão respeitado por ele, a realidade que ele encontrou sendo essa postura compreensível ao analisarmos segundo a visão de DURKHEIM (1999) por ver na religião um produto social e por admitir que toda religião é um sistema de noções para compreender a sociedade e as relações entre os indivíduos. A religião, para ele, é o próprio homem em sociedade.

Sendo alvo de comentários nos jornais da época como um missionário que veio para ajudar a população carente, percebemos, em meio aos discursos formados por seus contemporâneos, que a população o concebia como santo no meio deles e que este aparecera para amenizar o sofrimento da população conduzindo-a para uma total mobilização em busca de melhores condições de vida.

Entretanto, apesar de todos os milagres atribuídos a Padre Ibiapina, sua espiritualidade era prática e realista, voltado para o perdão e a luta para melhorar as condições de vida da população. A busca pela reconciliação de pessoas para ele era primordial já que estava envolvida com o imaginário cristão, que busca acima de tudo o amor ao próximo e o perdão como fez quando passou em Missão Velha conforme é relatado em um jornal da época:

Com suas missões fecundas em resultados benéficos, conseguiu que inimigos se reconciliassem, fazer chegar ao tribunal de penitência muitas ovelhas que viviam desgarradas dos rebanhos, vários casamentos se fizeram de pessoas que persistiam no pecado de incontinência.

Vale destacar que, as maiores devotas do Padre Ibiapina foram as Irmãs de Caridade, espécie de ordem religiosa sem o beneplácito de Roma criada por ele, em que as mulheres

tinham a responsabilidade de cuidar das Casas de Caridade e de se dedicar parte do tempo ou por tempo integral. Sabendo, Padre Ibiapina, do caráter essencial de tais mulheres, dirigiu grande parte do conteúdo de seu discurso para conduta moral que estas deveriam seguir.

Sendo assim, de todas as obras sociais realizadas pelo missionário merecem destaque as casas de caridade, de tal forma que comovem grande parte da população que vê nele um santo dedicado ao cuidado para com os órfãos. Tal imaginário fica claro no discurso de abertura da Casa de Caridade de Sobral:

Padre Ibiapina viu a órfã sem pai e sem mãe, exposta a todos os perigos e misérias da vida, e seu coração contristou-se. Viu o homem acabrunhado sob o duplo mal de enfermidade e da fome, e sua alma conturbou-se. Mas Deus havia dito "Diliges proximum tuum sicut teipsum". Com tais palavras nos lábios e a fé no coração, o virtuoso missionário, encontrando eco ao íntimo da alma dos fiéis, fundou esta Santa Casa para asilo e proteção das órfãs e dos enfermos desvalidos da fortuna.

Tal amor pela instituição criada por ele e vontade de se dedicar com exclusividade para essa, que por volta de 1870, já com a saúde fragilizada perceptível entre os clérigos através da troca de correspondências e, em especial, da resposta dirigida ao padre Francisco de Araújo pelo Padre Antonio Onorati:

Quanto ao pedido que V. Revma. me inculcou, tão repetidas vezes, que eu faça àquele Santo Varão Padre Ibiapina, se ele vier cá, não o deixarei.(...) Parece que cansado por seus grandes trabalhos na vida de missionário e com sua idade tão avançada de 70 anos, queira mais cuidar do governo de suas 20 casas de caridade, que de outras missões.

É após esse período de cansaço em que ele é acometido por uma paralisia nas pernas que ele decide ficar na Casa de Caridade Santa Fé se comunicando com as demais casas por Carta e enviando religiosos a fim de levar mantimentos. Tendo as Irmãs que seguir o Estatuto e as Maximas Espirituais construídos pelo sacerdote com o intuito de padronizá-las. Essa juntamente com o Hospital de Areia consistem em obras de destaque no Brejo paraibano.

A Casa de Caridade Santa Fé e o Hospital de Areia

Entre as obras efetuadas no Brejo paraibano merecem destaque a casa de caridade hospital em Areia e a Casa de Caridade Santa Fé pelo seu papel de corroborar para a melhoria da vida das pessoas do local e por serem mencionadas em documentos importantes que comprovam sua utilidade.

Fundada em 1862 e iniciando o trabalho do religioso na Paraíba, a casa de caridade-hospital em Areia teve um papel fundamental na luta contra o cólera sendo alvo de elogios pelo

presidente da Província da Paraíba Araújo e Lima em 1863 que, apesar de reconhecer a colaboração do missionário na diminuição do cólera, não manifestou preocupação em investir nessa obra ao afirmar que as ações do Estado se restringiam ao financiamento de parte das despesas da Santa Casa de Misericórdia.

Com isso, apesar de ser reconhecida como essencial para a população que vivia em um quadro de profunda miséria, sofrimento e ausência de salubridade, sua manutenção se limitava ao auxílio de pessoas. O estado mesmo sabendo da importância do papel do religioso não se intimidava ao afirmar que nenhum tipo de verba era enviado para mantê-la.

Todavia, apesar de ser reconhecidamente importante essa obra de Ibiapina, a Casa de Caridade Santa Fé, construída em 1866, merece grande destaque por ser tida como uma de suas prediletas, salientando que foi nela que o Padre Ibiapina resolveu, após ser acometido por uma grave doença que o impediu de viajar para outros locais, permanecer até a morte, instruindo as órfãs e se comunicando com as demais Casas a partir de cartas destinadas às diretoras.

A propriedade, onde foi construída a Casa de Santa Fé, no atual município de Arara, foi doada pelo fazendeiro Antônio José Cunha e sua esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha, mais conhecida como Dona Cândida, que nutria uma grande admiração pelo sacerdote, o que a levou a doar todos os seus bens e tornar-se uma Irmã de Caridade, após o falecimento do marido.

Essa Casa de Caridade por ter um contato maior com o seu idealizador era constantemente vigiada por ele e este fiscalizava cada atividade e repreendia pessoalmente qualquer ausência de seu cumprimento. Sua morte foi um choque para todos que usufruíram de suas obras de caridade, principalmente as pessoas que faziam parte da Casa de Caridade Santa Fé por ter um contato maior, como nos relata um de seus beatos: “Neste dia, pude fazer uma idéia do horror, isto é, do clamor do dia do juízo final, por que porco mais ou menos de duzentas pessoas choravam e quase todos em alta voz lamentavam a falta daquele pai dos pobres e diretores das almas puras”

Considerações Finais

Ao estudarmos o trabalho missionário do Padre Ibiapina podemos considerá-lo como uma eterna busca por estabelecer uma prática pastoral que modificasse tanto a alma, quanto as condições de vida dos mais pobres, tornando-os agentes ativos da sua própria salvação. Tal obra foi realizada sem o auxílio de nenhuma ordem religiosa e com a indiferença da Igreja secular, que se tornou hostil após a sua morte.

Nesse sentido, poucas Casas de Caridade permaneceram abertas depois do falecimento do seu idealizador, uma vez que as Irmãs de Caridade se sentiram desamparadas pela ausência do Padre Mestre, que nos últimos anos de vida, mesmo paraplítico, se fazia presente em todas as instituições por meio de cartas enviadas às diretoras das mesmas.

Assim, sem orientação, sem condições financeiras para manter os estabelecimentos pastorais e sem o poder de convocatória do Padre Ibiapina para despertar novas vocações, várias irmãs abandonaram a missão e em pouco tempo a maior parte das Casas, fecharam as portas.

Em uma tentativa de obter o controle da obra missionária de Ibiapina, a Igreja tentou substituir as diretoras das Casas de Caridade, por freiras advindas da Europa, que no entanto não se interessaram por tal trabalho social e preferiram atuar em escolas particulares nas capitais e não no interior, onde estavam localizadas à totalidade das Casas construídas pelo Padre Mestre.

Para compreender melhor a obra missionária do Padre Ibiapina, talvez seja necessário que nos reportemos a algumas experiências, que foram cruciais na sua vida e que possivelmente inspiraram seu trabalho: ter nascido no sertão do Ceará, em meio ao catolicismo popular que ele conhecia tão bem; ter perdido os pais, ainda adolescente e presenciado a dispersão da família, pois seus irmãos foram criados por diversos parentes, que moravam em diferentes povoações dos Cariris Novos, o quê talvez explique a preocupação em encaminhar as órfãs para o casamento.

A própria experiência como advogado e deputado geral certamente possibilitou que Ibiapina aperfeiçoasse sua oratória, que passou a ser ouvida nos púlpitos, nas praças e nos caminhos, atraindo a atenção de todos. É inspirado também na sua formação como advogado e nas leituras sobre a organização institucional e do contato direto com missionários franciscanos, lazaristas e oratorianos ele criou um Estatuto para normatizar a vida em todas as Casas de Caridade. Portanto é o agrupamento de todas as experiências que ele teve em sua vida que permitem compreender a riqueza de seu trabalho.